

## DAVI KOPENAWA YANOMAMI

### BIOGRAFIA

Davi Kopenawa Yanomami, líder Yanomami e xamã, nasceu há cerca de 46 anos na área Yanomami de Toototobi, em Roraima. Davi recebeu o nome Kopenawa, vespa em Yanomami, por ser um homem bravo.

Durante dez anos foi intérprete da Fundação Nacional do Índio (Funai). Suas responsabilidades incluíam abrir caminho para as equipes médicas durante seus primeiros contatos com os Yanomami. Além de ser chefe do Posto Demini, é genro de um importante líder Yanomami e xamã (líder espiritual da comunidade).

Desde 1985 Davi lutou pela demarcação da extensa região habitada por seu povo no extremo Norte do Brasil, nos Estados de Roraima e Amazonas, que finalmente aconteceu em 1991.

Durante sua luta, negociou com autoridades estaduais e federais pelo reconhecimento da terra indígena Yanomami, uma área de aproximadamente 9.400.000 (nove milhões e quatrocentos mil) hectares de florestas tropicais, rios, lagos e montanhas que contém um dos maiores bancos de reservas genéticas e culturais do mundo. É o lar de um povo nativo estimado em 10.000 (dez mil) pessoas no Brasil, um dos maiores grupos étnicos originais, de contato recente com a civilização, ameaçado de extinção devido à invasão ilegal de suas terras por garimpeiros. Ele e seu povo também lutaram para expulsar os garimpeiros que invadiram as terras Yanomami enfrentando-os, quando e como possível, em desvantagem de forças.

Nos últimos oito anos, a luta de Davi o colocou em contato com diversas autoridades brasileiras, incluindo encontros com o ex-Presidente José Sarney e com o ex-Presidente Fernando Collor de Mello, na busca do entendimento que afinal tornou possível a demarcação e homologação dessa importante área indígena, a Terra Indígena Yanomami.

Davi esteve ainda entre os convidados especiais que assistiram à assinatura da homologação da Terra Indígena Yanomami. Participou de audiência com o Presidente Itamar Franco solicitando um atendimento de saúde adequado para a população Yanomami.

Em 1988 Davi Yanomami recebeu o prêmio *Global 500 Award* da Organização das Nações Unidas (ONU) por sua contribuição à luta em defesa do meio ambiente, uma luta na qual está envolvido há quase dez anos.

Foi em novembro de 1989 que Davi falou pela primeira vez sobre o projeto de saúde que idealizou para sua aldeia Demini. Em abril do ano seguinte o Projeto de Saúde Demini foi implementado e atende hoje cerca de 25 comunidades indígenas entre os Postos Demini, Toototobi e Balawaú, abrangendo aproximadamente mil índios.

Em dezembro de 1989 viajou à Suécia, onde foi convidado a dividir com a *Survival International* o prêmio *Right Livelihood Award*, considerado o Prêmio Nobel alternativo. Esse prêmio foi um reconhecimento ao trabalho de ajuda aos Yanomami e ao sucesso em "despertar a consciência pública para a importância da sabedoria dos povos tradicionais para o futuro da Humanidade". Essa foi sua primeira viagem ao exterior.

Em 1990, Davi, junto com a UNI (União das Nações Indígenas) e a CCPY (Comissão pela Criação do Parque Yanomami), participou de reunião com o Ministro da Saúde para discutir a ajuda financeira de organizações estrangeiras ao governo brasileiro para trabalhos no território Yanomami.

Durante viagem aos Estados Unidos de 10 a 29 de abril de 1991, Davi foi recebido em Nova York pelo secretário-geral da ONU, Javier Pérez de Cuéllar, a quem relatou que a sobrevivência de seu povo dependia da demarcação das terras Yanomami, da presença de especialistas em malária na área, de infra-estrutura para atendimento médico e da retirada dos garimpeiros invasores, e solicitou apoio. A viagem foi patrocinada pela *Survival International*, *Oxfam*, CCPY, Museu Nacional do Índio Americano e pelo governador do Arizona Bruce Babbitt. A *Rainforest Alliance* também ajudou a organizar a viagem. O *Indian Law Resource Center* (Centro de Pesquisa da Lei Indígena) organizou visitas ao Departamento de Estado, à Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (OEA) e à Organização das Nações Unidas (ONU), onde Davi foi recebido com o prestígio e atenção dispensados a grandes líderes. Deu entrevistas coletivas, palestras e participou de eventos no Museu de História Natural, da conferência sobre a Amazônia na Universidade *Yale*, da II Semana da Amazônia organizada pela Amanaka'a, e da mostra sobre a cultura Yanomami "Espíritos da Floresta" no Museu Carnegie em Pittsburgh. Teve também a oportunidade de visitar a reserva Onondaga, no Estado de Nova York, quando comentou que, como os Onondaga, também é muito importante que os Yanomami preservem a língua e tradições que os definem e distinguem como povo.

Durante viagem à Europa, ainda em 1991, Davi visitou a Inglaterra e, com a ajuda da *Oxfam* e da *Survival International*, solicitou o apoio financeiro do governo britânico para o projeto de saúde Demini. Persuadiu ainda a *Overseas Development Agency* (ODA) da possibilidade de se criar um pacto cooperativo entre a Inglaterra e o Brasil, incluindo ajuda para a construção de pista de pouso e posto de saúde numa área em que não havia atendimento de saúde.

A participação de Davi Yanomami na ECO 92, realizada em junho de 1992 no Rio de Janeiro, foi fundamental para a conscientização de todo o mundo quanto à luta pela preservação do povo e da cultura Yanomami, pela demarcação de suas terras e ainda pela sobrevivência dos povos indígenas de modo geral.

Durante o evento, Davi manteve encontros com importantes líderes estrangeiros, entre eles Al Gore, atual vice-presidente dos Estados Unidos, Grethe Farema, ministra do Desenvolvimento da Noruega, e Lynda Chalker, ministra do Desenvolvimento do Exterior da Grã-Bretanha, que confirmou oficialmente a doação de US\$ 350.000, destinados à

construção de um posto de saúde na região do afluente do rio Balaú, no Estado do Amazonas.

Em dezembro do mesmo ano, Davi representou os povos indígenas da Amazônia na ONU em Nova York durante a abertura do Ano Internacional dos Povos Indígenas. Convidado pelo Centro de Direitos Humanos da ONU e com viagem patrocinada pelo *Indian Law Resource Center* de Washington, Davi integrou um grupo de outros dezenove líderes indígenas de comunidades da América Central e do Sul, dos Estados Unidos, Canadá, Japão, Rússia e Austrália. Na ocasião, o representante Yanomami expôs os perigos a que seu povo está submetido, na forma de epidemias, ameaças de morte por garimpeiros e reinvasão de suas terras.

No início de maio de 1993 Davi viajou a Nova York para participar da IV Semana da Amazônia, organizada pela Amanaka'a, organização brasileira que atua nos Estados Unidos e que patrocinou sua viagem. O evento, que foi aberto pelo prefeito de Nova York, foi encerrado com uma coleta de fundos para os índios Yanomami. Viajou em seguida para Washington a convite da Coica, organização indígena sul-americana, para participar da elaboração de um acordo com as agências norte-americanas para o estabelecimento de um escritório em Washington. Com o apoio do *Environmental Defense Fund* (Fundo de Defesa do Meio Ambiente) e do *Indian Law Research Center*, participou de uma série de reuniões. Reuniu-se com o coordenador do programa de malária do Banco Mundial, visitou os escritórios da Organização dos Estados Americanos e, com outros índios brasileiros, teve um encontro com o secretário do Interior Bruce Babbitt, a quem solicitou apoio à campanha pelos direitos territoriais indígenas. Encontrou-se também com o embaixador brasileiro em Washington, Rubens Ricúpero.

Em julho de 1993 Davi pronunciou-se na ONU em Genebra, quando expressou preocupação com os possíveis efeitos negativos das políticas governamentais de desenvolvimento nas terras Yanomami. Por outro lado, expôs que a malária havia sido controlada na região do Demini e Toototobi graças aos esforços das equipes de saúde da CCPY.

Em agosto desse mesmo ano, por ocasião do terrível massacre de Haximu, quando 16 índios Yanomami, a maioria mulheres e crianças, foram barbaramente assassinados por garimpeiros, os esforços de Davi foram fundamentais para os trabalhos da Polícia Federal e da Funai na descoberta das trilhas aos acampamentos devastados pelos assassinos.

A luta de Davi Kopenawa Yanomami em defesa dos Yanomami e de seu meio ambiente tornou-o uma figura conhecida internacionalmente, por defender incondicionalmente os direitos dos Yanomami.

Em setembro de 96 participou da Semana da Amazônia em Nova York a convite da Amanaka'a, quando foi realizada exposição com curadoria de Claudia Andujar, com desenhos Yanomami resultantes do programa de escola no Demini, com a visão dos índios sobre as doenças. Davi apresentou os desenhos para o público americano e para o então diretor da Rainforest, Lars Lovold, e a partir deste evento a Rainforest da Noruega decidiu financiar um projeto de 6 anos de educação.

Em novembro de 96 Davi viajou para a Europa para divulgar a causa Yanomami, falando em diversas cidades européias sobre as contínuas invasões em seu território e angariando fundos para combatê-las. Em Viena compareceu a um concerto de música brasileira organizado pela ONG austríaca Gesellschaft für Bedrohte Völker. Em Frankfurt participou de reuniões com diretores do GTZ, departamento de cooperação externa do governo alemão que coordena o programa do G7 para demarcação de terras indígenas no Brasil. Em Oslo reuniu-se com o FAFO, ONG norueguesa que é um dos financiadores da CCPY, com a Raiforest Foundation e com membros do Parlamento Sami. Em Copenhague reuniu-se com a IWGIA, que também apoia a CCPY há muitos anos.

Nos últimos anos Davi vem participando das reuniões do Conselho Indígena de Roraima (CIR) e foi convidado para falar aos enawenê nawê, no Mato Grosso, sobre a experiência do contato com não-índios, a convite dos próprios índios.

“Pelos seus serviços ou méritos excepcionais”, em abril de 1999 Davi Kopenawa foi condecorado pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso com a Ordem de Rio Branco, no grau de Cavaleiro.

**Comissão Pró-Yanomami - CCPY**  
**Rua Manoel da Nóbrega 111 cj.32**  
**04001-900 São Paulo SP**

julho 1999